

Museu, cidade e imprensa: a cobertura local da inauguração do Museu Iberê Camargo (POA)¹

Museum, city and press: the local coverage of the Iberê Camargo Museum's inauguration (POA)

Mariana Sirena*

Cida Golin**

Resumo: Este artigo investiga a cobertura da imprensa de Porto Alegre (RS) sobre a inauguração do Museu Iberê Camargo, ocorrida em 2008. Objetiva compreender, através do estudo dos textos dos quatro principais periódicos da cidade acerca do fato, como o jornalismo local retratou a gênese de uma instituição referencial de arte contemporânea, identificando os principais formatos e temáticas da cobertura. Verificou-se que, principalmente através de notas, a imprensa caracterizou o museu como espaço expositivo e de memória, sem deixar de dar especial destaque à arquitetura. A distinção conferida pela instituição a personalidades ficou evidente pela recorrência do assunto nas colunas sociais, enquanto os impactos do novo museu para a cidade apareceram de forma pontual.

Palavras-chave: Jornalismo cultural. Museus. Imprensa de Porto Alegre. Fundação Iberê Camargo.

Abstract: This article investigates the press coverage of Porto Alegre (RS) about the opening of Iberê Camargo Museum, which occurred in 2008. It aims at understanding, through the study of the texts of four major journals in the city about the fact, how local journalism portrayed the genesis of a referential institution of contemporary art, by identifying key formats and thematic coverage. It was found that, mainly through notes, the press characterized the museum as an exhibition and memory space, also giving special attention to the architecture. The distinction conferred by the institution to the personalities got evident by the recurrence of the subject in the social columns, while the impacts of the new museum for the city appeared punctually.

Key-words: Cultural Journalism. Museums. Press of Porto Alegre. Iberê Camargo Foundation.

1 Introdução

A inauguração do Museu Iberê Camargo em Porto Alegre, ocorrida em 30 de maio de 2008, foi um marco cultural significativo não só por ser a consolidação de um grande projeto dedicado à arte, ou por reverenciar o nome de um importante artista brasileiro do século XX. O museu constituiu-se, para além de um espaço expositivo, de conservação e de comunicação de um legado artístico, como uma experiência estética pela arquitetura, assumindo o caráter espetacular dos museus contemporâneos, e

¹Foi apresentada uma versão preliminar deste trabalho no GP Jornalismo Impresso do XII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Fortaleza (CE), de 3 a 7 de setembro de 2012.

* Mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

** Doutora em Letras. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

causando impacto no contexto urbano. A elaboração do prédiprojetado pelo português Álvaro Siza, seguiu tendências arquitetônicas mundiais, aliando ao nome do artista, objeto de memória, a assinatura de um arquiteto renomado, e colocando a cidade na rota da arte contemporânea internacional. O tema do presente artigo, resultado de pesquisa monográfica², é a cobertura da imprensa local sobre a abertura deste museu.

A decisiva participação do jornalismo na construção da imagem midiática do espaço museal, caracterizando-o e contextualizando-o a partir de escolhas editoriais, despertou para o interesse na compreensão de como a gênese de uma instituição referencial de arte contemporânea é retratada pelos jornais da cidade que a abriga, levando em consideração as dimensões locais do acontecimento. O estudo foi empreendido, primeiramente, através de pesquisa bibliográfica, buscando reflexões de autores sobre as relações entre os campos cultural e jornalístico e também sobre museus de arte contemporânea. Nesse sentido, ele dialoga diretamente com a dissertação de Luciano Alfonso (2009), que abordou a personalização do discurso jornalístico em torno do arquiteto do Museu Iberê Camargo na cobertura nacional e internacional da inauguração da instituição referida, servindo aqui como importante referência.

Em um segundo momento, foi utilizado o método da análise de conteúdo a partir do material publicado acerca do evento nos quatro principais jornais de Porto Alegre – Zero Hora, Correio do Povo, O Sul e Jornal do Comércio –, independentemente da editoria, o que totalizou num corpus de 53 textos. O período englobado foi o da semana anterior e o da semana posterior à inauguração. Visando perceber a configuração especialmente do jornalismo cultural praticado nos jornais diários da cidade, foram identificados os formatos mais utilizados na cobertura. As temáticas mais recorrentes nos textos também foram destacadas e categorizadas nos grupos *museu*, *arquitetura*, *sociedade* e *cidade*. Estes grupos agregam, respectivamente, as noções do caráter expositivo e de memória do museu, a relevância da arquitetura do prédio, o poder simbólico relacionado ao espaço museal evidente nas colunas sociais e, por fim, os impactos que a nova instituição veio a causar na vida urbana.

A pesquisa revelou algumas questões fundamentais das relações entre museu, cidade e imprensa. Uma vez que o fator da proximidade geográfica do assunto determinou a atenção do jornalismo cultural diário local, foi possível observar e analisar um número considerável de textos. Apresentamos aqui alguns pontos principais da investigação.

² A monografia “O museu na imprensa: a cobertura local da inauguração do museu Iberê Camargo” foi apresentada em 2010, na Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

2 Jornalismo, memória e cultura

A preservação do patrimônio cultural, questão diretamente ligada à museologia, relaciona-se com o sentimento de pertença das pessoas a um determinado universo simbólico, historicamente comunicado. Como afirma Marília Cury (2005, p. 13), “preserva-se para comunicar as relações sociais mediadas pelo objeto musealizado e comunica-se para preservar o patrimônio como vetor de conhecimento sobre essas relações”. Se levarmos em conta que “a participação no processo de (re)significação cultural é um pleno direito à cidadania, entendimento que situa o público como agente, ator, sujeito participante e criativo do processo de comunicação no museu e indivíduo exercendo a cidadania” (CURY, 2005, p. 15), a apropriação do museu por parte da população mostra-se como ponto central da experiência de comunicação da instituição. Ao tomar o museu como pauta e construí-lo midiaticamente, o jornalismo insere-se nesta conjuntura. A reinterpretação das mensagens institucionais e sua contextualização a partir do fazer profissional do jornalista envolvem a lida com noções de proximidade, afastamento, tipos de público, etc., motivando ou não a participação dos leitores no processo de comunicação do museu. Produzindo sentidos que interferem na concepção que os públicos estabelecem em relação à instituição, o jornal acaba também por participar da definição do patrimônio cultural.

A configuração do jornalismo cultural realizado nos jornais diários brasileiros, e a lógica do mercado e da rapidez que rege a sua produção, parecem abreviar o tempo e o espaço para a reflexão, levando em conta o ritmo das redações. Essa lógica abre caminho para uma maior reprodução de ideias do senso comum no texto jornalístico, inclusive no reforço de certos conceitos sobre museu e arte contemporânea que circulam entre os seus públicos, ao invés da proposição de novas concepções.

Sérgio Gadini realizou uma ampla pesquisa sobre o universo da cultura nos jornais do país: tomando para estudo 20 cadernos de cultura e variedades de jornais brasileiros de grande circulação, ele constatou que apenas em torno de 30% do espaço nas suas páginas não são ocupados por roteiro, publicidade, agenda televisiva, variedades como as tirinhas e passatempos, e as colunas sociais. Há assim uma “redução do campo cultural ao que se denomina ‘entretenimento’, que, não por acaso, significa ‘diversão e passatempo’” (GADINI, 2009, 271). Aqueles produtos considerados mais elaborados do jornalismo, como as reportagens, entrevistas e críticas culturais, não são priorizados no cotidiano da produção dos jornais. Esse fator pode dificultar o aprofundamento nos assuntos, e quem sai perdendo é o público, que tem o acesso reduzido a textos sobre tendências mais atualizadas, por exemplo, do campo museal.

A inauguração do Museu Iberê Camargo foi assunto tratado a partir desse contexto de produção jornalística, e atravessado pela lógica mencionada. Como pauta possível de ser trabalhada a partir do prisma da preservação do patrimônio cultural, pois a instituição nascente preserva e comunica a obra de um artista plástico importante, ainda mais no contexto local, ela ganhou destaque tanto em notícias como em textos mais elaborados. Mas é essencial lembrar que, a partir dessa pauta, jogos de prestígio e poder, resultado do cruzamento entre os campos midiático e cultural, também se revelaram. Afinal, o jornalismo participa, junto a outras instituições referenciais, do processo de “criação de consensos sobre o que significa a cultura de uma época, consenso esse formado dentro do próprio sistema cultural” (GOLIN; CARDOSO, 2010, p. 195).

O poder do jornal de dizer publicamente e de reforçar o prestígio dos sujeitos ou assuntos que participam da sua narrativa é o de construir veracidades que influenciam na configuração do campo da cultura. Além disso, em se tratando de um museu de arte, uma outra relação entre campos é fundamental: a que se dá entre o campo das artes e os museus. Os museus são instâncias de legitimação de artistas pelo seu caráter expositivo, ao lado das galerias. Outras, como as “de consagração (academias, salões, etc.), de reprodução dos produtores e dos consumidores (escolas de Belas Artes, etc.), agentes especializados (comerciantes, críticos, historiadores da arte, colecionadores, etc.)” (BOURDIEU, 2003, p. 289), também fazem parte deste processo, que deriva da autonomização do campo artístico em suas formas próprias de reconhecimento e reprodução.

A sacralização da obra de arte, que é arbitrária e envolve uma “imposição de valor em um lugar consagrado e consagrante” (BOURDIEU, 2003, p. 285), acontece nas instituições museais – as propriedades estéticas conferidas a certas obras, de forma a congregar valor ou retirá-lo, não são naturais, mas sim fruto do jogo de legitimação dentro do campo. Quem tem acesso ao capital simbólico específico desta esfera, aos elementos formais para a apreciação das artes, consegue usufruir da sua produção. O prestígio do acesso a este capital é reconhecido socialmente por estar ligado às condições de aquisição. A sua distribuição é desigual, o que gera desafios também para os museus abarcarem diferentes públicos, principalmente em uma época em que as ações educativas estão cada vez mais voltadas à apropriação dos objetos musealizados por um público amplo.

A partir disso, pode-se dizer que quando o museu de arte contemporânea torna-se tema para o jornalismo cultural, relações diversas do campo da cultura e das artes transpassam o texto jornalístico – ele próprio elemento participante da

configuração dos referidos campos. A questão da preservação do patrimônio cultural guia, até certo ponto, a cobertura da imprensa, sem ser aspecto único enfatizado pelos jornalistas. As rotinas produtivas da notícia determinam as abordagens dos assuntos, dificultando, muitas vezes, o aprofundamento e a fuga dos lugares-comuns. A seguir, apresentamos algumas considerações acerca do artista celebrado, do museu a ele dedicado e sua inserção na cidade, para esclarecer os pontos que estão em questão nessa cobertura.

3 Artista, museu e cidade

Em 30 de maio de 2008 as portas da atual sede da Fundação Iberê Camargo foram abertas ao público, e o Museu Iberê Camargo passou a abrigar a maior parte da coleção de obras de Iberê e documentos relativos à sua trajetória, evitando a sua dispersão. Nascido em 18 de novembro de 1914 em Restinga Seca (RS), o artista valorizou em sua produção o aspecto da memória, a começar pela conhecida série dos “Carretéis”: a forma que remetia ao objeto utilizado como brinquedo na sua infância acabou tornando-se um signo recorrente no conjunto de seus trabalhos. Ao final de sua vida, escreveu os textos reunidos no livro “Gaveta dos guardados”, que giram em torno de lembranças e são importante vestígio de seu intuito de registrar a memória.

O desejo de institucionalizar sua produção é uma constante na trajetória de Iberê, como relembra Flávio Gil (2008). O pesquisador realizou um estudo acerca do processo de legitimação e institucionalização da obra do artista a partir do ponto de vista da comunicação. A criação de uma instituição monográfica (instituição que se dedica à memória e visibilidade do legado) sintoniza-se, segundo ele, com o espírito da obra.

A concretização do Museu Iberê Camargo, com toda a pompa que a circundou, constituiu-se, utilizando a classificação de Pierre Bourdieu, como um discurso de celebração – nomeadamente, a biografia – em torno de um sujeito produtor do campo artístico. O reconhecimento passa pela biografia, que “desempenha um papel determinante, menos, sem dúvida, pelo que ela diz acerca do pintor e da sua obra, do que pelo fato de o constituir em personagem memorável, digna do relato histórico, à maneira dos homens de Estado e dos poetas” (BOURDIEU, 2003, p. 290).

Pinturas, gravuras, guaches e desenhos dentre vários estudos de Iberê estão reunidos no Museu Iberê Camargo, além de um acervo documental com cartas, recortes da imprensa, fotografias, cadernos de anotações que totalizam

aproximadamente 20 mil peças, o que reforça o caráter monográfico e celebrativo da instituição. Exposições temporárias deste acervo são organizadas regularmente para o público por curadores convidados, de forma a explorar os diversos momentos da trajetória do artista. Além da conservação e comunicação da obra do pintor celebrado, o museu tem entre suas funções abrigar exposições temporárias de artistas nacionais e internacionais de arte moderna e contemporânea.

Concebido para ser uma experiência de arte, e não só espaço expositivo de obras de arte – e assim seguindo as tendências mundiais dos museus de arte contemporânea –, ele foi pensado para provocar os sentidos para além da apreciação de exposições. As suas ações educativas são elaboradas para a vivência estética do prédio por parte do visitante, o que evidencia a arquitetura como elemento fundamental neste contexto.

Alfonso (2009) aponta em sua pesquisa que, no caso aqui estudado, a imprensa captou a importância que a visualidade vem ganhando no contexto urbano, e que atinge as instituições museais de arte contemporânea. O arquiteto foi tratado como um artista, pensando as linhas da construção de acordo com o acervo e seguindo determinados movimentos arquitetônicos. Afinal,

em que outro lugar da cidade pode materializar de forma mais expressiva um ideal de vanguarda estética e cultural do que num edifício projectado por um arquitecto contemporâneo (de preferência de renome internacional), tendo como tema programático a arte actual? (BARRANHA, 2006, p. 184).

Como recupera Alfonso (2009), a crescente relevância da arquitetura museal liga-se muito ao caráter espetacular que os museus adquirem na pós-modernidade, tendo suas funções extra-expositivas e de entretenimento valorizadas no conjunto que se pretende vender ao visitante. No caso do Museu Iberê Camargo, foi o arquiteto português Álvaro Siza, reconhecido internacionalmente por elaborar as linhas do prédio de acordo com a paisagem circundante, como um museu orgânico³, que delineou a construção. O seu projeto foi agraciado com o Leão de Ouro da Bienal de Arquitetura de Veneza de 2002, e recebeu outros importantes prêmios.

Barranha (2006) também observa que a arquitetura vem participando de um processo pelo qual as tradicionais funções de conservação, educação e exposição dos museus vêm sendo transcendidas. As instituições museais, segundo a autora, articulam-se no tecido da cidade de maneira complexa na contemporaneidade: elas

³ O conceito de museu orgânico surgiu na escola de arquitetura orgânica, e diz respeito à arquitetura do museu quando integrada com a paisagem circundante, ou em harmonia com ela (ALFONSO, 2009).

passam a ser integradas nas rotas turísticas e de lazer, relacionando-se com as lógicas do consumo e da cultura da imagem. Dinâmicas urbanas são afetadas nessa relação, seja na redefinição de fluxos de movimento, na requalificação de áreas periféricas, na criação de novos percursos e espaços públicos ou na reabilitação de prédios antigos para o abrigo de acervos.

Dois exemplos emblemáticos desta tendência são o Guggenheim de Bilbao, que segundo uma pesquisa realizada por meio de questionário aplicado aos visitantes pela própria instituição tem 58,7% de seu público atraído pela experiência arquitetônica, e o Tate Modern de Londres, que fez parte de um projeto de redefinição de uma área industrial obsoleta na margem do Rio Tâmisa, transformando a região em um novo foco de turismo e lazer na cidade (BARRANHA, 2006). O Museu Iberê Camargo aparece interferindo na configuração urbana de Porto Alegre de forma semelhante, chamando a atenção do público para a componente arquitetônica como atrativo fundamental. Por estar em uma zona não central da cidade e anteriormente não relacionada à questão do lazer, cria novos fluxos de movimento de pessoas e redefine o panorama cultural local. O valor-notícia da proximidade, se levarmos em consideração este contexto de inter-relações entre o Museu Iberê Camargo e a cidade de Porto Alegre, pode assim ser elemento de problematização da cobertura em estudo, como veremos a seguir.

4 O novo museu sob o olhar do jornalismo local

A análise do *corpus*, composto pelo universo de 53 textos publicados pelos jornais Zero Hora, Correio do Povo, Jornal do Comércio e O Sul⁴ entre os dias 23 de maio e 6 de junho de 2008 acerca da inauguração, permitiu algumas inferências tanto sobre as noções de museu utilizadas pela imprensa quanto sobre a configuração do jornalismo cultural realizado nos jornais diários da cidade. A quantificação do material em termos de formatos revelou a predominância de notas de serviço na cobertura. Elas totalizaram 37,74% do *corpus*: dos 53 textos, 20 são notas de serviço, 17 são notícias, 9 são notas de coluna social, 3 são perfis, 3 são artigos e 1 é infográfico. Este número vai ao encontro do que Gadini (2009) constatou em seu estudo sobre a configuração dos cadernos de cultura e variedades brasileiros e a grande quantidade de notas que podem neles ser encontradas.

⁴ Todos estes jornais fizeram a cobertura jornalística do fato cultural em estudo, com maior ou menor grau de aprofundamento e contextualização – 26 textos foram publicados na Zero Hora, 14 no Jornal do Comércio, 8 no O Sul e 5 no Correio do Povo.

Como um evento que estava na agenda da sociedade porto-alegrense e dos agentes do campo da cultura, é natural que a inauguração do Museu Iberê gerasse notas de serviço nos jornais diários reforçando o acontecimento que estava para se realizar – trata-se de um fato que possui as tradicionais características da noticiabilidade, como atualidade, universalidade e proximidade. Porém, se a perspectiva universalizante da produção cultural poderia gerar a discussão da produção simbólica não necessariamente ligada à factualidade cotidiana (GADINI, 2009), o que se observa é a predominância do tratamento do fato em formato de nota, e não enquanto pauta para debates mais profundos a serem desenvolvidos em matérias e reportagens.

Além disso, das notícias, que totalizaram aproximadamente 32% do material, muitas não consultaram fontes, o que evidencia uma abordagem jornalística que pode ser considerada pouco aprofundada. Questões como o acesso à arte e ao capital simbólico, e até mesmo os investimentos públicos e privados na construção, que foram publicados brevemente, poderiam ter sido melhor exploradas. Foi ressaltada a centralidade do apoio do grupo Gerdau⁵, representado pelo empresário e curador da instituição, Jorge Gerdau Johannpeter, na concretização do projeto do museu, o que rendeu inclusive uma matéria de duas páginas no jornal Zero Hora focada na figura citada.

Outro dado interessante é que a cobertura que está inserida nos cadernos de cultura e variedades dos jornais do nosso corpus totaliza 73,58% do universo da pesquisa. Ou seja, o tema também foi pauta para editorias como geral e economia, o que é representativo da relação do campo da cultura com outros campos sociais.

Sobre as temáticas mais abordadas, a análise indica preponderantemente para uma valorização do caráter expositivo e celebrativo da memória de Iberê Camargo por parte do museu. Este dado vai ao encontro das tradicionais concepções acerca de instituições museais, ligadas à conservação e organizações de mostras, assim como à catalogação, às ações educativas e à transmissão do legado artístico do pintor celebrado. Os textos em que esta caracterização predominou foram agrupados na categoria temática de análise intitulada *museu*, que englobou praticamente 40% do material coletado.

⁵ Além deste grupo, outros seis patrocinadores contribuíram financeiramente com a instituição, de forma que 60,8% do investimento foi proveniente do setor privado através de leis de incentivo federal e estadual. O terreno foi cedido pelo Governo do Estado do Rio Grande do Sul.

Uma das matérias publicadas no caderno semanal Cultura do jornal Zero Hora do dia 31 de maio de 2008, que foi dedicado inteiramente ao nascimento da instituição, por exemplo, coloca a memória do artista como o cerne das atividades do museu. O próprio título, “No real coração da instituição”, já especifica o que seria o “real” sentido do acontecimento da inauguração do museu: a preservação, a valorização e a comunicação do trabalho de Iberê, dentro da ideia de discurso de celebração pela biografia. A matéria explora o perfil do artista através das vozes atuantes e legitimadas do campo artístico: o jornalista entrevista os curadores da exposição “Moderno no Limite”, a primeira do museu dedicada à produção de Iberê Camargo, trazendo características de sua produção, e reforçando assim o seu prestígio no campo.

Nota-se que a abordagem jornalística levou o leitor para além da questão da visibilidade do prédio, mas em termos de visualidade, este elemento foi predominante nos jornais, principalmente devido às grandes fotografias publicadas da construção. No total, 26% do material coletado referiu-se à temática que categorizamos como *arquitetura*. Os dois cadernos do corpus que foram inteiramente dedicados à inauguração do Museu Iberê Camargo – o caderno Cultura de Zero Hora e o encarte Viver Iberê Camargo do Jornal do Comércio – deram destaque em suas capas a fotografias do prédio do museu, autorais e não de divulgação, cada veículo a partir de um diferente ângulo. Ambos os encartes apresentaram como destaque matérias sobre a arquitetura, tanto enfatizando a componente estética quanto a componente tecnológica.

O nome de Álvaro Siza apareceu de forma intensa e recorrente em todo o material, inclusive sendo referido enquanto gênio, assim como o “criador” protagonista do imaginário sobre a fundação, Iberê Camargo. Percebe-se que a imprensa reflete o movimento do campo dos museus de valorização da arquitetura, como na matéria “Nasce uma obra de arte”, citando mais uma vez o Jornal Zero Hora, especificamente a edição de 30 de maio de 2008. A imagem em destaque é o retrato do arquiteto, posando com as obras de Iberê, expostas em desfoque ao fundo, e mostrando assim um outro autor que compete com aquele que dá nome à instituição.

Em termos numéricos, foi notável também a grande quantidade de notas de coluna social na cobertura – elas totalizaram aproximadamente 24% do material coletado, e foram categorizadas no grupo *sociedade*. O museu é um espaço de prestígio, acessível a princípio para a apreciação daqueles que tiveram historicamente acesso ao capital simbólico do campo da produção cultural. O evento de inauguração de um museu é assim um lugar de visibilidade, o que se traduz na configuração da

informação acerca dele dada nas colunas sociais. Afinal, “um rápido passeio pelas colunas sociais indica como as estruturas e relações de poder podem estar ali contidas, em uma ou outra nota” (GADINI, 2009, p. 204). Os textos desta categoria do corpus trataram principalmente do evento de inauguração, e o termo “poder” é inclusive utilizado algumas vezes para falar dos protagonistas da noite, na visão dos colunistas.

Na coluna Sociedade do jornal O Sul do dia 1º de junho de 2008, por exemplo, um breve trecho evidencia essa relação, referindo-se à abertura como “uma noite de muitos poderosos”. Percebe-se a intersecção entre o campo da economia e o da cultura, quando há uma apropriação do prestígio do espaço museal e do evento por parte de sujeitos notórios da política e empresários, enquanto que o acontecimento tem importância primordialmente na área cultural. Relações de poder de diversas esferas sociais transferem-se para as páginas da imprensa e são expressas através do texto, levando em conta a visibilidade da página e da assinatura do colunista, e, portanto, a troca simbólica aí presente.

As inter-relações implicadas entre o novo museu e a cidade foram abordadas de forma pontual pela imprensa local, colocando em questão o aprofundamento de assuntos ligados à dinâmica da vida urbana, e também o critério de noticiabilidade da proximidade para o jornalismo cultural. A categoria *cidade* englobou os textos que privilegiaram essa temática, que totalizaram em 10% do corpus. Por ser um fato cultural próximo aos leitores de Porto Alegre, pode-se dizer que a inauguração do Museu Iberê Camargo ganhou um espaço considerável na imprensa, porém este espaço não foi dedicado em grande medida às alterações estruturais do fluxo urbano que o evento viria a causar, e nem às questões de turismo. Ainda assim, alguns textos trouxeram pontos relacionados a este aspecto.

Uma das matérias do jornal Zero Hora, intitulada “Para mudar a cidade” e publicada na editoria de Geral no dia 25 de maio de 2008, aborda o museu enquanto intervenção no espaço urbano trazendo um infográfico com informações sobre o Guggenheim de Bilbao e o Museu de Arte Contemporânea (MAC) de Niterói, outros museus de arte contemporânea que causaram impacto em diversos setores para além do cultural. A comparação implícita é emblemática, já que se demonstra a magnitude do fato em pauta a partir de exemplos de outras partes do mundo. Há ainda a matéria “A vizinhança comemora”, do mesmo jornal, publicada no dia 26 de maio de 2008, que traz a fala de um dos moradores do prédio ao lado do Museu Iberê Camargo evidenciando os transtornos decorrentes do período de construção, mas também da valorização dos imóveis da região. Alfonso (2009, p. 46) observa que “essa

valorização das áreas urbanas carrega consigo também uma valorização da produção cultural destes lugares. A arte, neste novo espaço do museu, se destaca como ferramenta importante de afirmação neste ambiente”.

Temáticas como estas que, a um primeiro olhar, podem parecer marginais em relação ao tema central da inauguração do museu e da celebração do artista, são essenciais para uma compreensão ampla do acontecimento. Vale ressaltar também que a esfera do consumo e os visitantes do museu, quase não serviram como fontes para esta cobertura jornalística. Apenas uma das matérias do corpus apresenta as vozes de dois visitantes e suas opiniões sobre o prédio e as obras. A análise do material demonstrou que existe um olhar jornalístico que presta atenção nas tendências internacionais na área cultural, valorizando os aspectos complexos relacionados ao museu, mas este olhar aparece de forma restrita a alguns textos – a maior parte da cobertura foi gerada na lógica da notícia e da rápida informação.

5 Considerações Finais

A análise da cobertura de imprensa local sobre o surgimento de uma instituição de arte do porte do Museu Iberê Camargo proporcionou reflexões diversas sobre a configuração do jornalismo cultural feito atualmente em Porto Alegre. O levantamento dos formatos e temáticas mais utilizados pelos jornalistas durante o acompanhamento do nascimento do museu proporcionou algumas pistas para a compreensão de como a imprensa interpreta e comunica um acontecimento vultuoso da cultura, participando do processo de apropriação da instituição museal pela população.

Determinada por relações nem sempre simples entre as esferas jornalística e cultural, tal cobertura participou da construção pública do acontecimento, atribuindo-lhe alguns significados centrais, e silenciando sobre certos aspectos. A visão primordial sobre o fato em estudo ligou-o aos tradicionais sentidos de memória, preservação do patrimônio cultural, celebração de um artista consagrado da história cultural gaúcha, etc. A catalogação de documentos relativos à trajetória de Iberê Camargo e as ações educativas, além da programação expositiva da instituição, foram apresentadas como pontos centrais do acontecimento.

Mas, se por um lado, esta temática foi a mais recorrente em termos numéricos, no que toca a visibilidade a arquitetura ganhou inegável destaque. As imagens do prédio, traduzido ele próprio pela imprensa como uma obra de arte, tomaram as páginas dos jornais. O nome de Álvaro Siza e os detalhes de seu projeto revelam a consonância da narrativa dos jornais em torno da instituição com o que se vem

pensando sobre museus de arte contemporânea e sobre seu caráter de espetáculo, de experiência a ser vivida pelo visitante. A inserção do museu no contexto urbano serviu também como pauta para alguns textos, que exploraram os impactos da construção para a dinâmica da cidade, ainda que estes tenham aparecido em quantidade reduzida.

O poder e o prestígio relacionados ao evento também puderam ser percebidos nos textos das colunas sociais, que reforçaram a ligação entre personalidades de diferentes campos sociais com a visibilidade do espaço cultural no contexto do colonismo social. A visualidade destas seções, em geral repletas de retratos de pessoas notórias, torna-as ainda mais interessantes enquanto espaço de afirmação e construção de imagem de figuras públicas, porém, podem demonstrar os tipos de público prioritários de um museu como o Iberê Camargo, causando o afastamento de outros grupos.

Em consonância com o que vem se fazendo no jornalismo cultural diário brasileiro, e tomando como referência as pesquisas de Gadini (2009), pode-se dizer que, em Porto Alegre, os jornais têm trabalhado com o formato de notas, ao invés de tomar os fatos culturais como pautas a serem desdobradas em textos longos. A imprensa local refletiu algumas tendências que vêm sendo identificadas internacionalmente no campo museal, valorizando certas temáticas, porém com pouco aprofundamento. Em um contexto cada vez mais complexo no que diz respeito às relações entre museu, cidade e população, cabe avaliar se uma cobertura por textos curtos contribui para a construção da cidadania dos leitores, lembrando o seu direito de acesso ao processo de ressignificação cultural, e a centralidade do público na comunicação museal.

Referências

ALFONSO, Luciano. *Personalização como estratégia discursiva do jornalismo: o caso da Fundação Iberê Camargo*. 2009. 174 f. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

BARRANHA, Helena. *Arquitetura de museus e iconografia urbana: concretizar um programa/construir uma imagem*. In: SEMEDO, Alice; LOPES, João Teixeira. (Coords.). *Museus, discursos e representações*. Porto: Edições Afrontamento, 2006. p. 181-196.

BOURDIEU, Pierre. *A Produção da crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos*. São Paulo: Zouk, 2004. 219 p.

BOURDIEU, Pierre. *O Poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

CURY, Marília Xavier. *Comunicação museológica: uma perspectiva teórica e metodológica de recepção*. 2005. 366 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

GADINI, Sérgio. *Interesses cruzados: a produção da cultura no jornalismo brasileiro*. São Paulo: Paulus, 2009.

GIL, Flávio. *Iberê em obra - um breve estudo sobre a comunicação no processo de legitimação e institucionalização da obra de Iberê Camargo*. 2008. Monografia (Graduação em Comunicação Social-Relações Públicas) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

GOLIN, Cida; CARDOSO, Everton. Jornalismo e a representação do sistema de produção cultural: mediação e visibilidade. In: BOLAÑO, César, GOLIN, Cida; BRITTOS, Valério. (Orgs). *Economia da arte e da cultura*. São Paulo: Itaú Cultural, 2010. p. 184-203.

Recebido em: 18.02.2013

Aceito em: 19.08.2013